

ENTREVISTA/ Tarik de Souza

Embora Johnny Alf (o criador do ponto de fusão entre o jazz e o samba) e João Donato (outro desbravador) já sedimentassem as mudanças através de composições como *Rapaz de bem* (Alf) e *Minha saudade* (Donato), foi a gravação de *Chega de saudade* de João Gilberto, de 1958, que deflagrou o fenômeno. Há diversos depoimentos no livro de artistas que foram despertados por este divisor de águas.

A bossa promoveu uma reestruturação da MPB. Digo que ela foi uma plataforma de experimentos de vanguarda das mais variadas procedências e matizes. Do *Samba esquema novo*, de Jorge Ben, a *Nova dimensão do samba*, de Wilson Simonal, os afro sambas de Baden Powell e Vinícius de Moraes, *Coisas*, de Moacir Santos, *Você ainda não ouviu nada*, de Sérgio Mendes, *Edison é samba novo* (Edison Machado) *Samba eu canto assim* (Elis Regina), *Avanço* (Tamba Trio), *Novas estruturas* (Luis Carlos Vinhas), *Samba nova geração* (Geraldo Vespar), *Nova geração em ritmo de samba* (Durval Ferreira, Claudette Soares, Eumir Deodato), *Jóia moderna* (Alaíde Costa) e assim por diante.

Vários artistas antecessores já delineavam dissidências da corrente principal como o canto coloquial de Mário Reis em oposição ao dó de peito vigente. No livro, transcrevo parte de um histórico artigo do ancestral compositor Sinhô, o primeiro “rei do samba”, explicando como ensinou o discípulo a cantar “moderno”. E muitos acordes alterados e dissonantes já povoavam obras de precursores como Garoto, Valzinho, Vadico, Radamés Gnattali, Custódio Mesquita e mesmo Ary Barroso, ao lado de reformistas como Noel Rosa e Orestes Barbosa. Após a fase considerada do auge do movimento (1958-1965), a bossa continuou impávida, lembrando que Frank Sinatra gravou com Tom Jobim em 1967, e este lançou o megaclássico *Águas de março*, em 1972. Também foi em 1967 que o pioneiro Johnny Alf emplacou seu maior sucesso popular, *Eu e a brisa*, ainda que desclassificado no célebre Festival da TV Record daquele ano. João Gilberto mandou seu antológico “álbum branco” em 1973, e o icônico *Amoroso*, em 1977. E novas gerações continuaram ligadas no estilo, como a estrelinha pop americana Billie Eilish, da geração Z, que veio cantar seu *Billie bossa nova*, no festival Lolapalooosa, de 2023. Samara Joy, revelação do jazz, aos 25 anos, esteve no Brasil a bordo de sua versão em português de *Chega de saudade*, em 2025. E a baiana de Vitória da Conquista, Analu Sampaio, cantora e compositora de bossa nova, tinha apenas 14 anos quando começou a fazer shows com o pilar do movimento, Roberto Menescal, de 84, em 2022.

Subdividi o livro em quatro eixos. Um é o central *João Gilberto*, como anuncia o título, e os outros três são *O ponto de fusão*, onde investigo como se chegou à bossa fundindo samba e jazz. E o *Invólucro mágico*, uma dissecação de como uma gíria de época, que queria dizer apenas uma coisa diferente, fora do comum, nomeou um gênero e colocou nele a tal ponto que hoje ninguém dissocia uma coisa da outra. O último eixo é *Amor de gente moça*. A partir do fabuloso título do songbook de Tom Jobim, gravado por Sylvia Telles, em 1959, eu arrasto as ligações (nunca estudadas) entre a bossa, o pop e o rock, com fartura de exemplos. Não me incomodo se o livro ficou uma espécie de enciclopédia. Nada contra. Ele pode ser lido, relido e consultado. Tive a pretensão de escrever algo mais consistente sobre o movimento, que foi tratado meio levementamente em algumas abordagens.


Exatamente por ter feito a síntese da bossa, além de ter sido, sob vários aspectos, a despeito de sua introversão, um militante. Foi ele quem trouxe Alaíde Costa para a turma da bossa e desviou os Novos Baianos de sua rota no rock psicodélico para uma fusão brasileira, que os projetou a partir de *Acabou chorare*. E, além de tudo, por ter sido um artista absolutamente genial que fundiu voz e violão de uma forma como nunca tinha sido feita antes, nem foi feita depois dele. Alguns tentaram imitá-lo (até o rei Roberto Carlos), mas desistiram, porque era impossível seguir um caminho tão particular e intransferível.

O modismo é sempre discutível e a bossa teve sua fase de febre, nomeando até o Juscelino Kubitschek um “presidente bossa nova”. Mas ela se perenizou quando você vê a funkeira Anitta fundindo *Garota de Ipanema* na *Piscinão de Ramos* em *Girl From Rio*; o rapper Marcelo D2 sampleando Luis Bonfá em *A procura da batida perfeita*. E o veterano Roberto Menescal, um bossa raiz, terçando cordas com o guitarrista Andy Summers do The Police. Sem falar no Iggy pop e na Sinead O'Connor gravando *Insensatez*. É bem possível que as novas gerações nem saibam que tudo isso é bossa nova, “isso é muito natural”, como cantava o manifesto *Desafinado*.



Pesquisador e jornalista Tárík de Souza: um novo olhar sobre a Bossa Nova

A bossa que mudou a MPB

A black and white photograph of a man with glasses, wearing a suit, speaking into a microphone. He is positioned in the lower left corner of the page, partially obscured by the large text.

Acervo/ Sesc Audiovisual

Em livro e mais de 400 páginas, o pesquisador Tárík de Souza mergulha nas origens da bossa nova para mostrar que o movimento começou muito antes de virar moda e segue vivo na história da música mundial.

» NAHIMA MACIEL

No livro, o pesquisador e jornalista faz um exaustivo levantamento da procedência dos bossanovistas para mostrar o quanto o movimento extrapolou seu "estigmatizado campo geopolítico de atuação". "Daí o subtítulo *Outros lados da história*. Procuro expandir o conceito, documentando a conexão afro (muito pouco estudada), o ramal erudito, as canções de protesto e as "canções de protesto contra as canções de protesto" (também nunca abordadas)", explica Tárik.

O livro tem João Gilberto como espinha dorsal, mas vai muito além: é praticamente uma biografia da bossa nova, muito completa, de

Mas a entrevista concedida ao então jornalista, reproduzida no livro, foi muito amargurada, no tom de de alguém que tentou e não logrou encontrar o ponto de fusão que os bossanovistas conseguiram. “A despeito da frustração com o resultado da entrevista, desde essa época foi acumulando vivência e pesquisa para fazer ‘o livro’. Acho que consegui, apesar de algumas coisas terem ficado de fora, porque não paravam de surgir fatos ligados ao movimento. Prova de que a bossa continua viva e pulsando”, explica o pesquisador, que conversou com o Correio sobre a importância da bossa nova para a música brasileira.



JOÃO GILBERTO
E A INSURREIÇÃO
BOSSA NOVA

Outros lados da história. De
Tárik de Souza. Editora L&PM,
440 páginas. R\$119,90